

ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

COORDENADORES

Patricia Bieging

Raul Inácio Busarello

ISBN 978-85-7221-461-2

2025

Ailton Pereira Morila

QUANDO O COTIDIANO SE ROMPE:

CULTURA POPULAR
E A CONSTRUÇÃO
DE ANTI-HERÓIS

RESUMO:

Este capítulo analisa o papel da cultura popular na construção de narrativas extraordinárias que rompem com a rotina e o destino das classes populares. Partindo da constatação de que o cotidiano das camadas subalternas é marcado por uma luta constante pela sobrevivência, discute-se como determinados personagens, como Zé Cabeleira, Camisa Preta, Meneghetti, Jovita, os Britos, se destacam no imaginário coletivo ao subverter normas sociais, seja pela criminalidade, pela resistência ou pela quebra de papéis de gênero. Essas figuras, transformadas em anti-heróis, revelam o poder da cultura popular em criar símbolos ambíguos: contestadores da ordem, mas também, em certos casos, instrumentos de reforço do controle social. A análise dialoga com a perspectiva de Peter Burke sobre o “mundo de cabeça para baixo” e o País de Cocanha, entendidos como inversões do cotidiano que ora funcionam como fuga, ora como contestação. A comparação entre tradições europeias e manifestações brasileiras mostra como a cultura popular elabora espaços de resistência simbólica, mas também de resignação, revelando múltiplos significados que coexistem nas mesmas práticas. Conclui-se que os extraordinários construídos, personagens, festas ou mitos, não podem ser compreendidos de forma unívoca. Eles expressam tensões sociais e históricas, funcionando simultaneamente como válvulas de escape, mecanismos de legitimação e potenciais formas de crítica à ordem estabelecida.

Palavras-chave: cultura popular; tradição; anti-herói; cotidiano; contestação social.

INTRODUÇÃO

O cotidiano das classes populares, historicamente marcado pela luta incessante pela sobrevivência, produziu não apenas práticas de resistência material, mas também formas simbólicas de elaboração da experiência. Nesse universo, surgem personagens e manifestações que escapam à rotina, rompem normas estabelecidas e passam a habitar o imaginário coletivo como figuras extraordinárias.

Este capítulo parte da tensão entre o destino social — frequentemente inalterável para as camadas subalternas — e a possibilidade de ruptura desse destino por meio de personagens que se tornam anti-heróis ou símbolos de contestação. Figuras como Zé Cabeleira, Camisa Preta, Meneghetti e Jovita ilustram essa dinâmica: indivíduos comuns que, ao desafiar a ordem, transformam-se em protagonistas de narrativas populares transmitidas pela música, pela memória oral e pela devoção.

Em diálogo com Peter Burke e outros intérpretes da cultura popular, busca-se compreender como esses “extraordinários construídos” revelam a ambivalência das tradições: ao mesmo tempo em que oferecem fuga do cotidiano e reforçam mecanismos de controle social, também evidenciam possibilidades de crítica e subversão da ordem vigente.

A LUTA COTIDIANA E O DESTINO

Historicamente, as classes populares enfrentam dia-a-dia uma luta por sua sobrevivência (Pinto, 1994). Essa luta, quer seja no campo, quer seja na cidade, envolve indistintamente homens, mulheres, crianças e velhos. Se o espaço da mulher da classe média

foi por muito tempo o espaço doméstico, a mulher nas classes populares extrapola esse espaço, pois ao mesmo tempo em que precisa cuidar da casa, dos filhos, também deve auxiliar no sustento da casa, procurando uma ocupação. Assim, no campo, a mulher trabalha ao lado do marido, no plantio, na colheita e em outros afazeres (Dean, 1977). Na cidade a mulher cuida da casa, mas possui muitas vezes uma atividade remunerada no espaço público (Moura, 1992). Aos velhos, que porventura não mais trabalhem, cabe o cuidado das crianças mais novas (Bosi, 2006). As crianças, quer seja no campo ou na cidade, enfrentam desde muito cedo a labuta diária, participando ativamente dessa luta pela sobrevivência (Pinto, 1994). E é assim que essa luta cotidiana atravessa gerações, é assim que essa luta se torna em grande medida o destino, quase sempre inalterável, das classes populares.

A QUEBRA DO COTIDIANO

Mas algumas pessoas escapam desse destino, dessa luta cotidiana pela sobrevivência, e mesmo que sua história de vida seja trágica, e quase sempre é, são lembradas e admiradas por seus feitos, por escaparem do destino comum, por quebrarem o cotidiano.

Um desses personagens é o temível bandido Zé Cabeleira, ou José Gomes, que foi um criminoso nortista que aterrorizou a capitania de Pernambuco, juntamente com seu pai Joaquim Gomes e o comparsa Teodósio, sendo preso e enforcado, em 1776, segundo Romero (1954), ou 1777, segundo Freitas (1985). O episódio deu origem à seguinte canção:

Fecha a porta gente
Cabeleira aí vem,
Matando mulheres,
Meninos também.

Fecha a porta gente
Cabeleira aí vem,
Fujam todos dele
Que alma não tem.
Fecha a porta gente
Fecha bem com pau,
Ao depois não digam
Cabeleira é mau.
Corram minha gente
Cabeleira aí vem,
Ele não vem só
Vem seu pai também.
Vem cá Cabeleira
Anda me contar,
Como te prenderam
No canavial.
Meu pai me chamou
Zé Gomes vem cá;
Como tens passado
No canavial!
Mortinho de fome,
Sequinho de sede,
Só me sustentava
De caninha verde. (Freitas, 1985, p. 203)

A permanência por tanto tempo dessa canção e a existência de versões em muitos locais do Brasil, Freitas assinala essa canção em São Paulo, no final do século XIX, portanto cem anos depois, dão conta da fama de Zé Cabeleira, fama essa bem fiel ao acontecido, segundo Romero, e que ultrapassou, em muito o local de sua atuação e a sua morte.

Um século e meio depois, outro bandido, o Camisa Preta no Rio de Janeiro repete a fama de Zé Cabeleira:

No dia catorze de outubro numa rubra madrugada, mata-ram o Camisa Preta à beira de uma calçada. Ai, ai, foi um tiro tão certo vibrado por um covarde com um revólver traiçoeiro. (Freitas, 1985, p. 233)

Na cidade de São Paulo, também no século XX, Gino Amleto Meneghetti, ladrão internacional, desafiou a polícia de São Paulo, pois roubava joias de famílias ricas e fugia, escalando os telhados das casas. Segundo algumas memórias, Meneghetti era um ladrão simpático, que gostava de se sentar à porta de casa todo dia, ouvir música e conversar com os vizinhos. Roubava para ajudar aos pobres, diziam, e escrevia para o jornal contando seus feitos e desmentindo o valor roubado, caso os donos tivessem afirmado um valor maior (Bosi, 2006).

Mas o que esses personagens teriam em comum, além de serem foras da lei? E o que faria com que esses personagens, no meio de tantos outros, ascendessem a uma posição de reverência diante da população?

Primeiramente, cabe ressaltar que todos esses personagens surgem da própria realidade cotidiana, e mais que isso, são pessoas comuns, ou seja, até determinado momento viviam como vivem todas as pessoas das classes populares: em constante luta pela sobrevivência.

Entretanto, estas pessoas comuns subvertem a ordem cotidiana, as leis, ou seja, assumem uma atitude de enfrentamento, até as últimas consequências, da ordem estabelecida. Esse enfrentamento faria com que esses heróis, ou melhor, anti-heróis ganhassem relevo no imaginário popular.

Dessa maneira, esses anti-heróis criam um extraordinário, causam a quebra da monotonia diária. Burke (2010) analisa que esse extraordinário é muito comum na cultura popular, e serve a um lado para extravasar e a outro, contestar. Poderíamos dizer, seguindo a linha de pensamento de Da Matta (1979), trata-se de um “extraordinário construído”, mas que teria embasamento no cotidiano.

Assim Zé Cabeleira, um homem comum, torna-se bandido por força do destino, pois segundo consta foi seu pai quem o

influenciou e o levou para a vida de crime. O bandido sanguinário, que mata mulheres e crianças, torna-se um anti-herói, uma vítima do seu destino, do seu cotidiano, mas também resiste a esse destino, foge, se esconde, enfrenta.

O camisa Preta torna-se um anti-herói no momento de sua morte, uma morte covarde, um tiro pelas costas. Não fosse esse episódio, talvez esse bandido passasse despercebido em meio a tantos outros. Mas o fato de ter sido traído, de não ter podido se defender de um destino tão trágico, é o que o torna herói.

Por último Meneghetti, o bom ladrão. Ele tem hábitos tão comuns, tão próximos à população, pois toda tarde, após o banho, senta-se à porta de casa, ouve música e conversa com os vizinhos, hábito bastante difundido na cidade de São Paulo antigamente. Esse homem, conhecido de todos, bom vizinho, é também o bandido que rouba joias, ajuda os pobres e deixa a polícia perplexa no seu encalço. Escreve para o jornal contando seus feitos e desmascarando falsos ricos e suas falsas joias. Morre não de forma trágica, mas de velhice, aos 93 anos de idade. Esse é o anti-herói por excelência. Um “Robin Wood” paulistano, enfrenta a polícia, a lei, o cotidiano, o destino, e ajuda aos pobres. Mas ainda tem tempo de voltar ao cotidiano, de conversar, de ouvir música. Enfrentando a morte dia após dia, morre inacreditavelmente quase centenário.

Outra personagem que chama a atenção é Jovita, uma jovem de Inhamus, no Ceará que se alistou com 17 anos de idade no 2º Batalhão de Voluntários da Pátria para lutar, e não ser enfermeira na guerra do Paraguai. Alistou-se no Piauí e foi para o Rio de Janeiro de onde sua tropa deveria seguir para o sul. Recebida com festa por onde passava, foi, entretanto, abandonada na cidade, onde se suicidou (Freitas, 1985). Segundo Freitas, muitos versos foram dedicados a ela, inclusive um romance e um espetáculo teatral. Uma música de São Paulo, atribuída a Pedro Taques conta a saga de Jovita:

Inhame é cará barbado
E raiz pouco bonita
Entretanto de Inhamus
Veio, sem barbas, Jovita!
Mas se cabelos no queixo
A solte dar-lhe não quis
Tem Jovita entusiasmo
E mostarda no nariz;
E cabelinho na venta
Que lhos deu Jove seu pai;
Tenha, pois, suores frios
O Lopes do Paraguai.
Porém ouço que não querem
Jovita para guerreira;
E trocando as bolas fazem
Do sargento uma enfermeira!
Protesto com toda a força
Da minha indignação .
Aos sargentos não compete
Andar de unguentos na mão.
E senão vejam com calma
Se não cansa hilaridade
Um sargento brasileiro
Feito irmã de caridade.
Só uma cousa eu reparo
Que me faz admirar,
Se ela é sargento, no posto,
Seja-o também, no trajar.
Tire a saia, envergue calças
E uma boa Minié;
E mostre p'ra quanto presta
Quem em Deus espera e crê.
Pois não sei o que parece
De saia curta ela usar,
Se assemelhando de longe
Ao cupido do Alcazar!
Aprenda bem a manobra
Do sargento este é o ofício,
Seja rara nos teatros
E assídua no exercício
A baioneta cultive;

Não despreze a pontaria;
Mostre - que é mulher - na cara
E homem na valentia!
Mate, estraegue, esquarteje
Com dentes, unhas e espada;
E volte então heroína,
Amazona denodada!
Que, se voltar Brigadeira,
Em vez de versos mofinos
Lhe oferecerei uma ode
Em ditos alexandrinos" (Freitas, 1985)

Outra, de Gregório Christiano da Silva Também conta a sua saga:

A bella, valente, guerreira Jovita,
O pasmo hoje excita com seu proceder;
Quem é que diria que um peito tão fragil
Teria a coragem d' aquella mulher?
Deixando a familia, deixando seus lares,
Da guerra os azares vai eira arrostar!
Não quer (que coragem!;) servir d'enfermeira,
Quer, sim, ser guerreira p'ra muitos matar?
Jovita não teme pisar os espinhos

De horriveis caminhos co' a planta mimosa;
Não teme trocar esse clima do Norte
P'lo frio tão forte da plaga arenosa.
Que exemplo sublime!
Que facto gigante
Se dá n'este instante no nosso Brazil!
O mundo hoje pasma, todo elle s'inclina,
Porque a mão divina nos guia o fuzil.
Permite, heroína, que o bardo obscuro
Te augure um futuro risonbo, feliz;
Que voltes da guerra coberta de gloria,
Que illustres a historia do nosso paiz.
(Moraes Filho, 1901)

Jovita chama a atenção por vários motivos. Ao contrário do Zé Cabeleira, do Camisa Preta e de Meneghetti, Jovita não é uma

fora da lei, no sentido estrito do termo, mas a sua maneira subverte a ordem social. Mesmo considerando a mulher das classes populares, que auxiliava no sustento da casa, querer ir à guerra como soldado e não como enfermeira extrapola, e muito, a condição social da mulher brasileira do século XIX. Querer defender o país, vestir calça, usar uma baioneta, matar, isto é, tomar o papel que cabe ao homem, é sem dúvida uma subversão à ordem estabelecida. Mas o ato de Jovita não pára por aí. Ao ser voluntária, ela também subverte a atitude natural das classes populares em fugir da Guerra do Paraguai (Alencastro, 1977). Talvez tenha sido essa razão que fez com que a música de Gregório Christiano da Silva tivesse adquirido ares patrióticos: "Que exemplo sublime! Que facto gigante / Se dá n'este instante no nosso Brazil !" Relevado o papel patriótico de Jovita, que deve servir de exemplo a toda a nação, que por sinal fugia da guerra sempre que podia, esse autor coloca em segundo plano a discussão do papel da mulher, discussão esta que é o tema central da primeira música.

No interior de São Paulo, em Araraquara é famoso o caso de Rozendo e Manoel Brito. Rozendo era jornalista e espezinhava o coronel Antônio Joaquim de Carvalho. Em uma briga que chegou as vias de fato, o coronel foi morto com um tiro, isso em 1897. Foi preso Rozendo e seu sobrinho Manoel que de fato não tinha nada a ver com a história mas estava perto. Acontece que incitado pelas famílias dos coronéis da região a população invadiu a cadeia local e linchou os dois em praça pública. O ocorrido deu a alcunha a cidade de linchaquara por muito tempo. Várias ocorrências depois ajudaram a firmar a fama dos dois. Na praça onde foi linchado e que servia de local de memória foi feito um chafariz com uma pomba. Em determinado momento a pomba foi pintada de preto. Foi proibida a peregrinação no local, mas foi feita uma capelinha aso Britos afastada da cidade. Hoje, considerados santos pela população local recebem a peregrinação e ex-votos nessa capelinha. (Cezár, 2002).

ATRAVESSANDO O OCEANO

Peter Burke (2010), ao estudar a cultura popular europeia na idade moderna, descreveu aspectos bastante interessantes dessa cultura. Em um *broadside* francês do século XVIII, apresentado no livro, vemos a imagem de uma mulher que segura um fuzil, enquanto que o marido cuida da criança. Semelhanças incríveis com nossa personagem, Jovita. Na mesma ilustração, um mundo completamente estranho: uma caçada, onde cavalo, cavaleiro e caça andam na água enquanto peixes voam no céu. Esse aspecto da cultura popular, Burke denominou de “O mundo de cabeça para baixo”, ou “o mundo de ponta-cabeça”. Um mundo irreal, onde a ordem das coisas se subverte totalmente, como em outro *broadside* apresentado, onde os ratos enterram o gato. Se a mulher segurando o fuzil subverte o papel social da mulher, os ratos enterrando o gato subverte qualquer hierarquia do mundo.

Esse mundo de cabeça para baixo, segundo Burke (2010), tem seu auge no Carnaval. Da mesma maneira que o mundo de cabeça para baixo é o contraponto do mundo cotidiano, o carnaval também faz esse contraponto. O carnaval, tempo de abundância, de fartura, acontece antes da quaresma, o tempo da falta, da exploração. Se a quaresma é sempre representada por um homem magérrimo, o carnaval ao contrário traz a figura de um homem gordo, satisfeito. Mas para as classes populares, o tempo da quaresma não se limita aos usuais quarenta dias. A quaresma é uma constante, a quaresma é cotidiana. O carnaval apresenta-se, portanto, como uma ruptura nesse cotidiano, um momento de fartura em uma vida de necessidade. Um momento de inversão, um momento em que o camponês pode se vestir de nobre, e mais, pode mandar no nobre. E o que parece demonstrar as ilustrações políticas de André Basset, de 1789, onde no tempo da quaresma, ou seja, no mundo cotidiano, o camponês leva os nobres nas costas. No carnaval, na inversão desse mundo, o nobre é quem leva o camponês nas costas (Burke, 1989).

Mas se a vida é uma eterna quaresma, no mundo de cabeça para baixo da cultura popular existe um lugar onde a vida é um eterno carnaval. Esse lugar é o País de Cocanha, “onde as casas tinham os telhados cobertos de panquecas, nos riachos corria leite, os porcos assados corriam soltos com facas convenientemente fincadas nas costas, e corridas onde o ganhador era quem chegava por último” (Burke, 1989, p. 213-214). Um poeta francês escreveu suas variações sobre o tema:

Por dormir uma hora
De sono profundo,
Sem despertar,
Ganha-se seis francos,
E o mesmo para comer;
E para bastante beber
Ganha-se um dobrão de ouro;
Esse país é engraçado,
Ganha-se por dia
Dez francos para amor fazer (Burke, 1989, p. 214)

Ao analisar a propaganda imigrantista, realizada pela Sociedade Promotora de Imigração no século XIX, com o intuito de atrair mão-de-obra estrangeira para São Paulo, Alvim (1986, p. 44) analisa a tarefa do agenciador: “Basta dizer aos camponeses que dentro de alguns meses terão dinheiro aos montes, que num par de anos serão proprietários de latifúndios, que, de trabalhadores braçais tornar-se-ão patrões, e conseguir persuadir uma meia dúzia dos mais importantes, o apostolado está completo [...]. E assim, aos gritos de viva a América’[...] ‘morram os patrões,’ levas de emigrantes deixaram a região dirigindo-se para o Brasil”.

A semelhança entre a América da propaganda imigrantista e o imaginário país de Cocanha são bastante perceptíveis, indicando que essa propaganda encontrou no imaginário do europeu comum uma caixa de ressonância. Evidentemente, a imigração não poderia ser explicada somente por esta similaridade, visto que questões econômicas, políticas e sociais estão envolvidas no que foi o maior

movimento de massas da história. Mas é um campo bastante fértil de pesquisa, para procurar entender um pouco mais sobre os porquês que levaram um número exageradamente grande de pessoas se pôr em movimento em direção à América, em direção ao desconhecido “Novo Mundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas qual o significado desses extraordinários construídos? Seria o carnaval europeu e o país de Cocanha uma fuga da realidade? E a construção dos anti-heróis, como Zé Cabeleira, Camisa Preta, Meneghetti e Jovita, pode ser entendida como fuga?

Se esses extraordinários construídos são uma fuga da realidade, então serviriam ao propósito de controle social, da manutenção do status quo. Mas se assim fosse, por que na Europa houve uma destruição dessa cultura popular, através da Reforma e da Contrarreforma? (Burke, 1989)

Procurando analisar um caso específico, Jovita, podemos perceber que se de um lado ela quebra as normas sociais, sendo, portanto, uma contestação, uma resistência, de outro lado ela serviu, na música de Gregório Christiano da Silva, para a exaltação de valores patrióticos e, portanto, de controle social.

Meneghetti morreu velho, a justiça nunca o alcançou, mas o que dizer da morte trágica de Zé Cabeleira e Camisa Preta? Não serviriam como avisos para não se quebrar a ordem estabelecida? Ou eles são como mártires da resistência?

E o carnaval europeu, e o país de Cocanha? Não seriam fugas de uma realidade? Mas essa fuga não mostraria as contradições da própria sociedade e, portanto, serviriam como uma contestação?

Como na ilustração do camponês em cima do nobre e do nobre em cima do camponês, um desvela uma realidade existente, enquanto outra sugere uma outra sociedade, subvertida, invertida, uma sociedade pela qual se deva lutar.

Da Matta, ao analisar três grandes tipos de festas brasileiras, o desfile militar, o carnaval, e as festas religiosas, aponta para a coexistência da contestação social, da fuga da realidade e do controle social, em todos os casos. Burke aponta, para a cultura popular europeia no início da idade média, a polissemia das festas populares, pois ao mesmo tempo em que essas podem ser apenas fugas, pausas no cotidiano, podem ser também contestadoras chegando até mesmo a iniciar rebeliões e motins.

Portanto, ao se estudar esses anti-heróis que quebram o cotidiano ou as festas populares, ou de maneira mais ampla, a cultura popular, precisamos estar atentos à existência de muitos significados, que não se excluem, mas se complementam.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, L. F.; RENAUX, M. L. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. *In*: ALENCASTRO, L. F. (org). **História da vida privada no Brasil**. Vol. 2. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

ALVIM, Z. M. F. **Brava Gente!** Os italianos em São Paulo 1870-1920. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 13. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

BURKE, P. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

CÉSAR, Luciana Marcondes. **Morre o homem, nasce o santo:** morte e santificação popular de Rosendo e Manuel Brito em Araraquara. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em História) - Centro Universitário Central Paulista, 2002.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DEAN, W. **Rio Claro**: um sistema brasileiro de grande lavoura 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREITAS, A. **Tradições e reminiscências paulistanas**. São Paulo: Itatiaia, 1985.

MORAES FILHO, M. **Serenatas e saraus**: Collecção de autos populares, lundús, recitativos, modinhas, duetos, serenatas, barcarolas e outras produções brasileiras antigas e modernas. Vol 2. Rio de Janeiro: Garnier, 1901/1902.

MOURA, E. B. B. **Mulheres e menores no trabalho industrial**: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital. Petrópolis: Vozes, 1982.

PINTO, M. I. M. B. **Cotidiano e sobrevivência**: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890-1914). São Paulo: Edusp, 1994.

ROMERO, S. **Folclore brasileiro**: cantos populares do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio. 1954.

Ailton Pereira Morila

Doutor e mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), Bacharel em história pela FFLCH-USP. Atualmente é professor associado do Departamento de Educação e Ciências Humanas do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador do Prometheus (Núcleo de Estudos Críticos - UFES). Fundador do Museu da Música Popular Capixaba. Professor permanente do Programa de pós-graduação em Ensino na Educação Básica do CEUNES-UFES.